

Collor fecha o cerco em torno de Quércia e Montoro

**Dora Tavares de Lima
e Augusto Fonseca**

BRASÍLIA — Fernando Collor de Mello deverá procurar, entre hoje e quarta-feira, o governador de São Paulo, Orestes Quércia. O primeiro contato com o grupo de Quércia foi feito no sábado pelo deputado Renan Calheiros, líder do PRN na Câmara, que conversou em São Paulo com o secretário de Governo, Alberto Goldman. No mesmo dia, Renan e a economista Zélia Cardoso de Mello estiveram com o ex-governador Franco Montoro, presidente nacional do PSDB, na tentativa de vencer as resistências do partido a uma eventual adesão a Collor. Zélia e Renan são as duas pessoas designadas pelo candidato para articular as alianças do segundo turno e estabelecer entendimentos para a formação do governo, em caso de vitória contra Luís Inácio Lula da Silva, do PT.

Como Goldman, que deixou o Partido Comunista Brasileiro para integrar o secretariado de Quércia, já anunciou que não apóia o candidato do PT, Renan apenas abriu caminho para a busca do apoio do governador, tarefa que Collor levará à frente pessoalmente.

Com Montoro, que recebeu muitas pressões do PSDB para não recebê-lo, o emissário do PRN buscou apresentar pontos de identificação entre o programa de governo de Collor e a proposta social-democrata dos tucanos. Fez também um apelo para que o partido de Montoro integre uma eventual equipe de governo. “É preciso dar a Collor condições de governabilidade”, disse Renan a Montoro, prometendo a formação de uma grande união de forças políticas se Collor for o eleito.

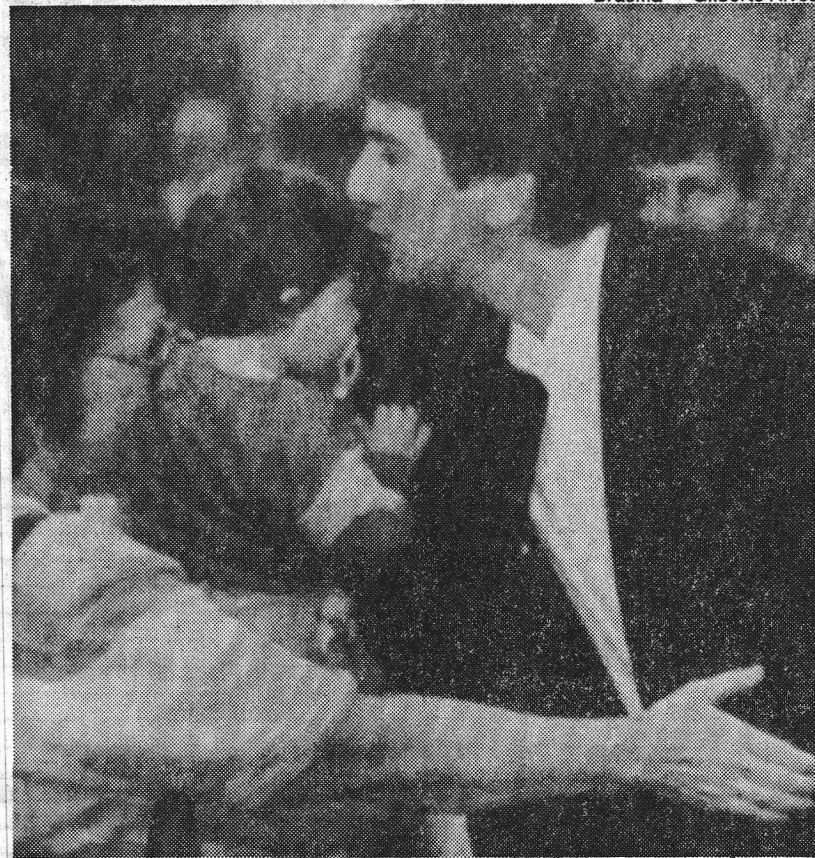
Plebiscito — Conversaram também sobre parlamentarismo, discordando num ponto. Montoro disse que o PSDB deseja um plebiscito assim que o Congresso Nacional eleito em 90 tome posse, no ano seguinte. Na prática, isso seria uma antecipação de dois anos da data prevista pela Constituição para o plebiscito que vai decidir sobre a mudança de governo.

Mas o PRN insiste em que a consulta popular só aconteça na data prevista, em 93. “Collor também é parlamentarista, mas não podemos desrespeitar a Constituição”, respondeu Renan. Na verdade, o grupo de Collor acha que o prazo do plebiscito não pode ser negociado. “Estariamos baixando a guarda”, diz um assessor.

As declarações do deputado César Maia (PDT-RJ), culpando o vice de Brizola, deputado Fernando Lyra, pela derrota e pregando um expurgo no PDT, causou euforia na equipe de Collor. “Ele saiu quebrando vidraças, e isso é ótimo”, comentou, ao ler os jornais, outro auxiliar próximo. Com a saída definitiva de Brizola do páreo, a partir de hoje serão deflagradas as conversas na área brizolista. “Vamos retomar todos os contatos que já iniciamos”, anuncia Renan Calheiros. Segundo ele, serão procurados outros pedetistas que não César Maia.

Até no PCB, cujo candidato, Roberto Freire, já declarou apoio a Lula, o grupo de Collor busca adesão. As conversas se darão com comunistas de São Paulo e do Rio. Com estes, Renan e o assessor de imprensa, Cláudio Humberto, já vêm conversando há meses. No PCB, os negociadores de Collor sabem que não haverá entendimento com a ala nordestina, liderada pelo deputado Roberto Freire. Entre os contatos que serão “retomados”, o PRN inclui os governadores Tasso Jereissati (CE) e Geraldo Melo (RN) — que hesitaram semanas e acabaram ficando com Covas e Ulysses, respectivamente — e o ex-governador de Minas, Hélio Garcia, entre outros.

Brasília — Gilberto Alves



□ O Tribunal Superior Eleitoral ainda não havia divulgado o boletim que registrava a “virada” de Lula sobre Brizola, quando Fernando Collor de Mello iniciou a campanha do segundo turno, já no campo do adversário: a Igreja. Collor, que atribui o sucesso de Lula no Nordeste e no interior à ação da Igreja que segue a Teologia da Libertação, decidiu ir ontem à missa das 10h30 na Catedral de Brasília, justamente a que seria celebrada pelo arcebispo dom José Freire Falcão, um dos principais representantes da ala conservadora da Igreja. A decisão de ir à missa foi tomada no sábado à noite, junto com seus assessores mais próximos, quando a passagem de Lula para o segundo turno já estava delineada. Collor, que na quinta-feira já tinha dado um estocada sutil em Lula — ao posar em sua biblioteca, para se contrapor à imagem de pouco preparo intelectual atribuída ao candidato do PT — resolveu agora ser mais direto. Procurará estabelecer claras diferenças com o adversário, atingindo onde o considerava mais fraco.